



A relação entre a imprensa soteropolitana com o golpe de 1889: uma análise dos discursos jornalísticos sobre a proclamação da república.

Matheus Berlink Fonseca¹

Artigo Recebido em: 06/09/2017

Artigo Aceito em: 22/10/2017

RESUMO

Este trabalho analisa os discursos jornalísticos utilizados pelos jornais que circulavam da cidade de Salvador, durante a primeira quinzena após a Proclamação da República do Brasil. Buscando compreender o posicionamento político destes jornais a partir das suas orientações políticas. As principais fontes utilizadas foram os jornais, além dos inquéritos policiais. A metodologia utilizada foi a análise do discurso e o diálogo com a bibliografia específica sobre o tema da Proclamação da República como as obras de Jose Murilo de Carvalho para o Rio de Janeiro e Wlamyra Albuquerque para a Bahia. A pesquisa revelou que o discurso local foi tendencioso para o republicanismo o que influenciou na difusão dos acontecimentos do novo sistema de governo na imprensa soteropolitana.

Palavras-chave: República. Imprensa. Salvador. Golpe. Jornais.

The relation between the soteropolitana press with the coup of 1889: an analysis of journalistic discourses on the proclamation of the republic.

ABSTRACT

This paper analyzes the journalistic discourses used by the newspapers that circulated in the city of Salvador during the first fortnight after the Proclamation of the Republic of Brazil. Seeking to understand the political position of these newspapers from their political orientations. The main sources used were newspapers, as well as police inquiries. The methodology used was the analysis of the discourse and the dialogue with the specific bibliography on the theme of the Proclamation of the Republic as the works of Jose Murilo de Carvalho for Rio de Janeiro and Wlamyra Albuquerque for Bahia. The research revealed that the local discourse was biased towards republicanism, which influenced the diffusion of the events of the new system of government in the soteropolitana press.

Keywords: Republic. Press. Savior. Hit. Newspapers.

¹ Licenciatura em história pelo Centro Universitário Jorge Amado. Atualmente é professor de História do Ensino Fundamental II no Colégio Parque. Desenvolve pesquisa sobre a Imprensa Baiana durante a Proclamação da República. Email: mberlink@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2657430260480407>.



Introdução

O golpe de 1889, no qual trouxe a Proclamação da República para o Brasil, é derivado da continuação de um longo processo político e social decorrente dos tempos do Império, onde podemos destacar alguns fatos, tais como a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), a divulgação do Manifesto Republicano de 1870, a criação do Clube Federal Republicano de 1888 e a Abolição da Escravidão em 13 de maio de 1888 (CARVALHO, 2010).

No entanto, para o caso específico da Bahia, pode-se ainda incluir os seguintes fatos como contribuintes para Proclamação da República na Província, tais como: a criação do Clube Republicano Baiano, em 1878, e a publicação do jornal *A República Federal*, cujo primeiro número circulou em 2 de julho de 1889 (DIAS, 2008).

Para os republicanos, a instauração da República significou um passo inevitável para a evolução do Brasil, enquanto que para os monarquistas o triste fim de um período de glórias e a inserção do Brasil na mesma realidade de seus vizinhos Latino Americanos, ou seja, a realidade de repúblicas em crise.

Porém, para o povo, teve um significado diferente, como diz Aristides Lobo, jornalista carioca, o povo assistiu ‘bestializado’ todo o processo da Proclamação da República sem entender direito o que se passava, levando em consideração que o processo de Proclamação foi, em sua maioria, feito por militares e, ainda assim, por uma parcela deles, onde muitos não tinham uma ideia real do que seria a República.

Segundo o autor Tobias Monteiro (1989), nos momentos iniciais da república houve uma tentativa de construir a versão oficial do ocorrido pelos olhares dos vencedores, tentava-se ao máximo glorificar as ações dos atores principais e reduzir ao máximo os fatos que derivavam do acaso. E um dos instrumentos utilizados para oficializar e legitimar esse novo período da história nacional com toda certeza foi a imprensa, neste caso mais específico os jornais que circulavam na época.

Segundo Renato Lessa (1997, p. 86), “o Brasil acordou após o 15 de novembro sem ter a resposta institucional a respeito de si mesmo”, logo os jornais serviram em primeira instância para situar a população do que estava acontecendo, do quadro político de maneira geral, mesmo que esse ainda não tivesse totalmente definido. E, em um segundo momento, como uma força extraoficial, porém de longo alcance, de difusão do novo regime, seja com opiniões favoráveis ou contrárias.



A Bahia teve uma ação diferenciada no ato da Proclamação em relação às outras Províncias, em especial à de São Paulo e Rio de Janeiro que, por estarem no epicentro da República, não tinham outra opção a não ser a aceitação imediata do novo regime. Diferentemente, na Bahia a Proclamação foi muito mais aclamada pelos militares, em 16 de novembro de 1889, no quartel de São Pedro e no dia posterior no Palácio da Aclamação do que de fato proclamada - com exceção do movimento republicano que constava de sua maior parte por estudantes e professores da Faculdade Baiana de Medicina, entre outros civis.

A primeira reação da Província da Bahia foi a defesa da Monarquia. Na manhã do dia 16 de novembro, o então presidente da província da Bahia Almeida Couto, junto ao Marechal Hermes da Fonseca, comandante de armas da província, cientes de toda a situação, declaram suas disposições de obediência às leis do Império e ao Imperador, como pode ser visto em telegrama escrito pelo Presidente da Câmara Municipal, enviado aos jornais do Rio:

A camara Municipal da Bahia protesta contra a ditadura militar que, sob o nome de Governo Provisório, se estabeleceu na Côrte, e afirma sua completa adesão ás instituições e ao Imperador". Província da Bahia não adhere movimento ilegal e tumultuário, imposto pela força, e, ao que parece aceito pelo terror. Pede que communique todas folhas – Augusto Guimarães, Presidente. Bahia, 16 de novembro de 1889 (BARROS, 1939, p. 475).

Mediante esse quadro de instabilidade política na Província Baiana que se instalava com a chegada das notícias do novo regime, este artigo visa analisar os primeiros momentos do governo republicano na Bahia, em especial na capital Salvador, no século XIX e como esse marco histórico foi compreendido e transcrito pela imprensa Soteropolitana da época.

Vale lembrar que para isso, este trabalho visa compreender os quinze primeiros dias da implantação do regime republicano, ou seja, a partir do 15 de novembro de 1889 (data da Proclamação da República) até o dia 30 de novembro do mesmo ano.

Terá sua análise e estudo baseado nas matérias que circularam nesses primeiros quinze dias de instauração do novo governo nos periódicos publicados na época, em especial os jornais e os almanaques e os discursos propagados pelos jornais da época, pois esses discursos além de mostrarem o que estava acontecendo, serão utilizados em grande parte para legitimar o golpe do 15 de novembro de 1889 e, de certo modo, irá ajudar a construir a história destes que se dizem vitoriosos por parte do novo governo republicano.



A imprensa soteropolitana como palco de batalha

A República, instaurada através do golpe republicano de 15 de novembro de 1889, trouxe consigo uma expectativa inicial muito grande de maior participação popular de diversos setores da sociedade. Entre estes estavam grupos operários, anarquistas, membros da elite intelectual, militares, além de toda massa da população. De certo modo, as massas eram os que mais sofriam com os impactos do antigo regime monárquico - fossem eles positivos ou negativos.

Na Província da Bahia, assim como no resto do país, a possibilidade do novo regime trouxe muitas inspirações à expectativa da sociedade Baiana, em especial na capital São Salvador. Prova disso foi os diferentes grupos republicanos que aqui foram criados momentos antes do Golpe da República, entre eles, tendo maior notoriedade o grupo republicano de 1878, composto na cidade de Salvador, formados em maior parte, por estudantes, professores e pessoas ligadas à Faculdade de Medicina da Bahia.

Estes já explanavam para a população soteropolitana os benefícios que a democracia republicana poderia trazer. Além disso, podem-se citar em Salvador alguns jornais de cunho republicano e, ainda existiu também, a formação em Salvador do I Congresso Republicano da Bahia em junho de 1889, que entre seus dirigentes estava o médico Virgílio Damásio, professor da Escola Baiana de Medicina e um dos dirigentes e redator do jornal *A República Federal* que, mais tarde, tomaria posse no dia 18 de novembro de 1889 como primeiro governador republicano do recém-criado Estado da Bahia (DIAS TAVARES, 2008, p. 300).

Segundo o historiador José Murilo de Carvalho (1987, p. 37), o grosso da sociedade brasileira - incluindo a população baiana -, quase nenhum meio lhe restava de fazer ouvir sua voz, exceto o veículo limitado da imprensa. Por que limitados? Eram diversas as limitações que existiam durante o século XIX, tanto para a constituição de um jornal ou periódico, quanto para sua circulação e compreensão.

Primeiro, a maioria dos jornais eram fundados e mantidos por partidos políticos, fossem eles monarquistas, republicanos ou de qualquer outro segmento político. Geralmente havia pouco espaço para a literatura e notícias locais, acabando por afastar boa parte da população da leitura desses periódicos.

Esse quadro começou a mudar somente no final do século XIX, quando se percebe o aumento gradual da publicação de periódicos e das tipografias existente na capital baiana. Para



ter uma noção, surgiram 287 jornais na década de 80 do século XIX na Bahia em detrimento aos 180 jornais que surgiram na década de 70 no mesmo século (CARVALHO, 2007), quase um aumento de 50% na produção de jornais. Outro motivo que afastava a população da leitura desses periódicos era, como analisa Kátia Mattoso (1902, p. 207) somente um terço da população soteropolitana era alfabetizada, no entanto ao analisar essa situação vimos que a capital baiana, apesar de possuir um alto índice de analfabetismo, tinha um número considerável de periódicos em circulação durante a segunda metade do século XIX.

Em linhas gerais, na década de 1880 houve o aparecimento de 287 periódicos (*Idem*, 2007) na província da Bahia, a maior parte deles na cidade de São Salvador, envolvendo diários, jornais, folhetins e revistas. Embora boa parte deles não durasse mais que três ou quatro anos, ainda assim é um número muito expressivo, fato que contraria uma sociedade em maior parte analfabeta e teoricamente desinteressada por tudo que essa mídia poderia trazer, já que existia o ato de leitura públicas na cidade e até mesmo nas prisões, como fica evidenciado no trabalho: *Ser Preso na Bahia, 1865-1890* (TRINDADE, 2012).

Se de modo geral existiam empecilhos que dificultassem o acesso dos jornais a população comum, não se pode dizer o mesmo da elite intelectual e política baiana que se utilizavam da mídia como um verdadeiro campo de batalhas entre monarquistas e republicanos, conservadores e liberais.

Esse campo de batalha já vinha sendo montado desde a década de 1870, onde os primeiros jornais baianos de cunho republicano surgiram a exemplo da *Sentinela da liberdade* na Cidade de Cachoeira em 1870, *O Popular* na cidade de Santo Amaro da Purificação em 1872. Porém, foi na capital Salvador que esses jornais ganharam corpo, maior número e maior visibilidade.

Destes jornais republicanos na capital pode-se citar *O Horizonte* (1872), *A Tribuna* (1876 – 1878) e talvez o mais importante deles, *A Republica Federal* que teve sua primeira edição em 2 de julho de 1889 no ano do Golpe Republicano. Este último serviu de referência para a construção da identidade republicana de boa parte da população, assim como dos militares e simpatizantes civis na capital, além de ter servido como espécie de modelo para a criação de grupos republicanos no interior da província a exemplo das cidades de Orobó (atual Ruy Barbosa), Curalinho (atual Castro Alves), Cachoeira, Santo Amaro da Purificação e Feira de Santana (TAVARES, 2008).



Se um por um lado existia uma crescente mídia republicanista na Bahia, existiam também os jornais de tendência conservadora e monárquica. O principal representante dessa vertente era *O Diário de Notícias* que circulava na capital baiana. Foi esse jornal de caráter essencialmente conservador que ficou encarregado, no dia 17 de novembro de 1889, de informar a toda população Soteropolitano sobre o manifesto elaborado pelo presidente da Câmara dos Deputados da Bahia, Augusto Guimarães, em defesa da Monarquia e “contra a ditadura violenta que esse sistema oriundo de surpresa e traição trazia” (DIAS TAVARES, 2008, 299).

No entanto, esse manifesto nunca chegou a ser lançado, pois o presidente da Câmara Augusto Guimarães não conseguiu o número de assinaturas suficientes para esse ato. Além desses dois lados, que por motivos do momento foram os que mais agiram no palco principal da batalha, existiam diversos outros periódicos que possuíam distintas orientações políticas, religiosa ou até mesmo apartidária.

Dentro desse grupo destaca-se o *Jornal de Notícias da Bahia* que adotava uma postura neutra em relação à política. E durante os momentos iniciais da República se conteve somente a passar notícias que estavam por ocorrer naquele momento confuso de transição de Monarquia para República em uma província que até o momento se mantinha fiel ao Imperador D. Pedro II, porém com um relevante movimento republicano.

Para entendermos melhor o contexto em que englobava diferentes reações à República na mídia soteropolitana, é necessário fazer um quadro comparativo entre diferentes periódicos que existiam na capital baiana durante o mês de novembro de 1889. Para isto analisaremos a tabela I.

Tabela 1 - Periódicos existentes em novembro de 1889 na cidade São Salvador.

Nome:	Publicação	Duração	Orientação	Proprietário
Jornal de Notícias da Bahia.	Diária *	1879 -1911	Neutra em partidos políticos.	Propriedade de Associação.
Gazeta da Tarde	Diária	1880-1889	Abolicionista	Pamphilo da Santa Cruz
O Encouraçado		1881- 1889	Crítico	
A Lanterna		1882-1911	Literário e independente,	Lourenço de Castro.



			noticioso, “jornal para todos”.	
O Corsário	Bissemanal	1884-1898	’Órgão’’ do povo’’, crítico e satyrico.	Januário Raymundo Martins
Echo da Verdade	Mensal	1886-1895	Evangélico	
O Alabama	Bissemanal	1887-1891	Crítico, chistoso, noticioso e literário.	Sob a proteção da Polícia
O Monitor Catholico		1887-1895	Católico	Órgão oficial da Diocese da Bahia.
O Domingo		1888 -1892	Literário	
O Neto do Diabo	Três vezes por semana	1888-1889	Crítico, literário e chistoso.	Salustiano Pedro
A República Federal	Semanal	1888-1890	Propaganda republica	Órgão do Clube Federativo da Bahia
O Diabo		1888-1889	Moralizado	Tenente Gouveia
Monitor Caixerai		1888-1889		
A Justiça	Publicação semanal	1888-1896		
A Verdade	Mensal	1888 – 1893	Religiosa Baptista	
Diário do Comércio		1889/1892	Neutro em política	Associação
O Grito Nacional		1889	Político	Francisco Pires de Carvalho
Leituras religiosas		1889-1911	Religioso	Conego Clarindo de Souza.
O Derby		1889	Turfista	Júlio Pimental
A Cruzada	Semanal	1889	Literária e chistosa	José Bonifácio
O Cruzeiro		1889	Político	Doutor Salustio
Repórter		1889	Interesse do povo	Associação
Jornal do Povo		1889-1890	Noticioso e literário	Aristides Ricardo de Sant’ ana



A Voz da Pátria		1889	Republicano	
Pequeno Jornal	Diária	1889-1892		Doutor Aristides Cesar Spinola Zama
Diário da Bahia		1833- 1958	Conservador	
Gazeta da Bahia		1879-1890	Conservador	Orgão do partido conservador.

* Pela tarde, com exceção dos domingos e dias de guarda (feriados em grande maioria religiosos).

** Os espaços em brancos não foram encontrados dados sobre o periódico.

*** Os dados foram retirados dos Anais da imprensa Baiana.

Fonte: CARVALHO, Alfredo de; TORRES, João Nepomuceno. **Anais da imprensa da Bahia**. 2ª ed. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007.

Uma das características dos periódicos oitocentistas era o tempo curto de sua existência, alguns não iam além da primeira edição. Mas, voltemos ao ponto central de nossa discussão: existiam no mês de novembro de 1889 cerca de vinte e sete periódicos circulando na capital, conforme indicado na Tabela 1.

A fim de sabermos um pouco sobre o momento em que a produção midiática se encontrava na cidade do São Salvador, basta ter em mente que naquele momento em Novembro de 1889, a cidade de Ouro Preto, capital da Província de Minas Gerais, possuía somente três jornais em circulação, sendo eles: O jornal *União* de caráter imparcial, *A Província de Minas* de caráter monárquico e por fim o jornal *Movimento* que fazia parte do movimento republicano de Minas Gerais (RIBERIO, 2013).

Nessa comparação, pode se ver que Salvador estava muito a frente da maioria das capitais de províncias existentes no Brasil a nível de produção midiática, levando-se também em consideração que Salvador era a segunda cidade mais importante do Império Brasileiro - no que diz respeito a economia, por exemplo. São vinte e sete periódicos contra os três existentes na capital mineira em novembro de 1889, um número realmente expressivo e significativo; Salvador de fato se comparava às grandes Províncias quando se tratava de produção midiática, estando muito próxima da produção existente na capital do Império, Rio de Janeiro, que tinha aproximadamente quarenta periódicos em circulação (DOYLE, 1965).

Ainda sobre essa comparação entre as províncias e analisando a tabela I, havia também significativa disputa política entre os periódicos, ou melhor, entre seus proprietários. Se em Minas Gerais, havia somente três periódicos, cada um seguindo uma orientação política distinta



– neutra, monárquica e republicana - o que sugere um equilíbrio entre as forças, não podemos dizer o mesmo da nossa capital.

Em Salvador havia quatro periódicos de orientação republicana, sendo estes: *A gazeta da tarde*, *A República Federal*, *O diabo e a Voz da Pátria*. Seguidos dos periódicos republicanos, havia os conservadores e os monárquicos, são eles: *O Monitor Catholico*, que apesar de sua primeira instância ser de orientação religiosa, por ser católico e principalmente por ser da Arquidiocese da Bahia, tem ligações profundas com a instituição da Monarquia, *Diário da Bahia e a Gazeta da Bahia*.

Lembrando que existiam alguns jornais que escapavam de uma suposta pureza ideológica, fazendo com que diferentes posições políticas coexistissem na mesma redação - fato que pode ser analisado no *Jornal de Notícias da Bahia*, que possuía entre seus redatores militares e membros da elite intelectual.

Além desses, tinham aqueles que se reivindicavam neutros em disputas políticas e a favor da população, sendo esse o tipo de jornal em maioria naquele momento. E esses jornais muitas vezes deixavam a política em segundo plano e tratavam mais de assuntos literários, como contos e histórias, ou assuntos chistosos, muitas vezes relacionados à mentalidade escravocrata da época. Um bom exemplo é o *Jornal O Alabama*, que se dedicava a dura e sistemática perseguição ao candomblé baiano.

Dentro dessa categoria existia também o *Jornal de Notícias de Bahia*, que fora o jornal de maior circulação na cidade de Salvador e que por causa disso receberá devida atenção ao longo do texto. Ainda sobre esse tipo de seguimento jornalístico, podemos citar os seguintes: *O encouraçado*, *A Lanterna*, *O Corsário*, *O Domingo*, *O Neto do Diabo*, *A Cruzada*, *o Repórter*, *Jornal do Povo* (CARVALHO, 2007).

Por fim, existiam os periódicos de orientação religiosa e não católico, tais como o jornal evangélico *Echo da Verdade*, e o periódico Batista, *A Verdade*. Alguns jornais com temas bastante específicos como o *Derby*, que tratava de assuntos relacionados às casas de apostas de Salvador, principalmente à apostas de corrida de cavalos, o *Diário do Comércio* voltado para economia local e regional, e o *Monitor Caixerai* que tratava de alguns trabalhadores que atuavam nas mais diversas casas comerciais da cidade.

Com esse quadro geral pode-se analisar que a tensão existente entre os republicanos e monarquistas na Província da Bahia, em novembro de 1889, já era fomentada momentos antes ao ato da Proclamação e que essa tensão foi alimentada muito em parte pela mídia local



existente que, possuindo a diversidade e quantidade de periódicos que cá existiam, levou a um clima mais acirrado de ideologias a respeito da permanência ou alteração do sistema político social/político vigente.

Nesse sentido é interessante decifrar o que pode naquele momento explicar em parte o motivo da Bahia ter como sua reação inicial a defesa da Monarquia, o zelo e a guarda pelo Imperador e as instituições monárquicas, nesse sentido, temos a princípio o medo da elite baiana de perder o prestígio político que possuía durante o Império; Segundo Falcón(2010), citado por Falcón(2010, pág. 27) exemplifica essa situação muito bem em sua obra *Coronéis do Cacaú*: “(...) Fato, aliás compreensível levando-se em consideração que as elites baianas gozavam do mais amplo reconhecimento político da Corte durante a fase imperial, encabeçando mais da terça parte dos ministérios que se sucedem entre 1847 e 1889”.

Para, além disso, podemos elaborar uma série de outros fatores que proporcionaram essa reação diferenciada nesta Província. Durante os anos que seguem a República aqui na Bahia, o povo baiano e principalmente a elite vão tentar criar um ideal de modernidade no Estado, principalmente através da criação do IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, fundado em 1894.

No entanto, essa suposta modernidade baiana republicana é sempre respaldada nos tempos áureos, ou seja, os tempos imperiais. Vão ser retratados as Batalhas do 2 de julho, o barão do Rio Branco, entre outros, evidenciando que o povo baiano e, principalmente, a sua elite, estavam profundamente ligados ao Império e ao conservadorismo. A historiadora Wlamyra Ribeiro de Albuquerque evidencia isso em sua obra:

A exaltação dos tempos de glória foi fundamental para a construção da fabula da modernidade baiana. A existência dos anos áureos reafirmava a possibilidade de um futuro no qual a Bahia readquirisse uma posição privilegiada no contexto nacional. Os mesmo Levitas do progresso eram também saudosistas de um passado mitificado (Albuquerque, 1997, p. 24).

De algum modo, essa maior diversidade e circulação de periódicos - de diferentes vertentes políticas e grupos políticos -, fez com que na Bahia, em especial na sua capital, a opinião sobre o que poderia vir a ser e os benefícios e malefícios da República, ganha diferentes opiniões entre as vertentes da população, seja entre o cidadão comum ou entre as mais altas instâncias militares e políticas da cidade.

Prova disso são as grandes figuras públicas da cidade de Salvador que momentos iniciais se diziam fiéis ao Imperador e que logo após alguns dias aderiram à República, tendo como a mais ilustre dessas figuras o marechal Hermes da Fonseca, Comandante de Armas da Bahia.



Claro que não se pode ter como principal causa da mudança de segmento político a influência dos jornais, ainda sendo uma figura importante como essa. Porém é sabido que até mesmo essa elite, que a princípio estava favorável ao Império, tinha suas dúvidas e fraquezas ideológicas em relação ao regime monárquico:

(...) Outras razões da fragilidade do movimento monarquista devem ser consideradas. Como não se desenvolveu no Brasil uma sólida doutrina monarquista durante o Império, no início da República esta será elaborada pelos restauradores de uma forma imprecisa, fragmentária e contraditória. Seus principais pontos de sustentação se definiram-se em questões de natureza circunstancial e não de princípios. Como resultado disso, o monarquismo não conseguiu desenvolver um autoconceito independente do seu oposto: O republicanismo era sua referência obrigatória (JANOTT, 1989, p. 254).

Dessa forma, teremos na Bahia, uma elite que busca ter na República o mesmo espaço político que possuía no Império, tentando de todo modo se agarrar ao rastro de modernidade que o novo sistema prometia dizer, em contra partida temos essa mesma elite baiana presa ao conservadorismo e às glórias do Império, e de certa forma se sentindo parte do Império do Brasil e não desta República que vinha. Porém, por mais que houvesse essa reação inicial de defesa da Monarquia, uma fragilidade ideológica em relação ao se sentir parte do Império será a chave condutora para a vitória do golpe de 1889 na Bahia.

Bibliografia

Borges de Barro, F. **A Margem da História da Bahia**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1939

BARMAN, Roderick J. **O Imperador Cidadão**. 2ª ed. São Paulo. UNESP, 2010.

BELO, JOSÉ MARIA. **História da república 1889 – 1954**. Rio de Janeiro 1972.

CARVALHO, Alfredo de; TORRES, João Nepomuceno. **Anais da imprensa da Bahia**. 2. Ed. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007.

CARVALHO NETO, Jovinião S. de. *Proclamação da República na Bahia no olhar de um cientista político*. **Rev. IGHB**, Salvador, v.106, p. 87-114, jan./dez. 2011

CARVALHO, JOSÉ MURILO DE. **Os bestializados**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



_____. **História do Brasil nação**, 1808-2010. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

_____. **Formação das almas**, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1990.

DOYLE, Plínio. **Anais da Biblioteca Nacional**, Catálogo de jornais e revistas do Rio de Janeiro 1808-1889, vol.85, Rio de Janeiro, 1965.

DINIZ, J. Péricles, **Uma breve trajetória da imprensa no Recôncavo da Bahia durante o século XIX**, Anais do VII encontro nacional de História da mídia, Rio de Janeiro, 2009.

JESUS, Paulo Cesar Oliveira de. **O fim do tráfico de escravos na imprensa Baiana 1811 – 1850**. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal do Estado da Bahia, 2004.

LESSA, Renato. **A invenção republicana**. Companhia das Letras: São Paulo, 1997.

MONTEIRO, Tobias. *As proclamações da república*. **Ciência hoje**, Rio de Janeiro n 59, pp. 26-33, 1989.

MATTOSO, Kátia Queiroz. **Bahia, século XIX**: uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

Ribeiro de Albuquerque, Wlamyra, **O civismo Festivo na Bahia: Comemorações Públicas do Dois de Julho (1889/1923)**. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal do Estado da Bahia, 1997.

RIBEIRO, Fernando. **É notícia! A proclamação na república (15/11/1889) nos jornais de Ouro Preto**. Em: < <http://historiasevariaveis.blogspot.com.br/2011/08/e-noticia-proclamacao-da-republica.html> > Acesso em 24 de março de 2013.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **A primeira gazeta da Bahia**: Idade d`Ouro do Brazil. 2 ed. Salvador: Edufba, 2005.

SILVA, Camila de Freitas. *A proclamação na República e sua repercussão na imprensa Carioca*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, São Paulo, julho, 2011.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11ª ed. Salvador: Edufba, 2008.